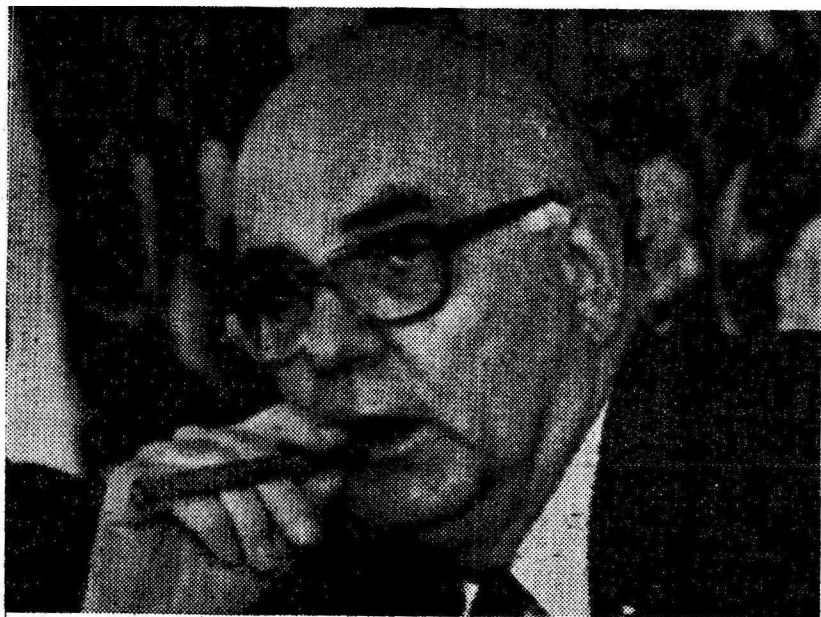




Presidente da Reserva Federal criticou os altos juros

Endividados continuam vulneráveis, diz Volcker

WASHINGTON — O presidente da Junta da Reserva Federal (Banco Central), Paulo Volcker, disse ontem, ao depor no Congresso, que “a posição dos países em desenvolvimento altamente endividados permanece vulnerável” e que suas dificuldades podem refletir-se nas perspectivas econômicas e no sistema financeiro dos Estados Unidos.

Volcker, que é uma das autoridades americanas mais envolvidas com as renegociações da dívida externa do Brasil e de outros países, afirmou que “as taxas de juros continuam muito elevadas, tanto em relação à experiência histórica como em relação às taxas recentes de inflação”.

O presidente do Banco Central americano, que aqui conserva considerável grau de independência do governo, disse que, a despeito do progresso econômico realizado até agora e das perspectivas favoráveis que existem, ainda há “grandes e insustentáveis desequilíbrios na nossa economia e na economia mundial”.

Esses desequilíbrios se refletem, por exemplo, na intensidade das tensões na agricultura e em diversas indústrias básicas americanas, disse Volcker. “Em muitos outros países industrializados, há níveis de desemprego excepcionalmente elevados e, olhando para a frente, poucos sinais de que possa haver melhoras significativas nessa área. Essa perspectiva ameaça os nossos próprios mercados”, afirmou.

Volcker diz que o problema é a magnitude dos déficits orçamentários e comerciais dos Estados Unidos. “Implicam uma dependência de crescente endividamento externo pelos Estados Unidos que, se não for controlado, minará mais cedo ou mais tarde a confiança na nossa economia, que é essencial para uma moeda forte e as perspectivas de redução das taxas de juros”, afirmou.

Volcker disse ainda que as necessidades de recursos para financiar o déficit orçamentário mais os investimentos privados necessários à sustentação do crescimento e da produtividade superam o potencial de poupança interna dos Estados Unidos. “A maior e mais rica economia do mundo tem sido forçada, temporariamente, a utilizar a poupança externa e, num sentido real, estamos vivendo além de nossas posses”, afirmou, acrescentando depois que os Estados Unidos estão a caminho de se transformar do maior credor no maior devedor do mundo.

A utilização da poupança externa pelos Estados Unidos reduz a força da expansão em outros países e prejudica a própria capacidade americana de exportar para esses mercados, explicou Volcker. Assim, continuou, esses desequilíbrios e tensões financeiras provocam pressões políticas nos Estados Unidos e no Exterior, em favor de um protecionismo contraproducente, do nacionalismo econômico e da criação excessiva de moeda que, se implementada, ameaçaria todo o progresso já realizado.

Já passou o tempo, disse, “em que podíamos avaliar nosso desempenho e nossas políticas sem considerar a dimensão externa — as implicações para o comércio e o fluxo de capitais internacionais, as taxas de câmbio e as condições econômicas e financeiras em outros países”.

Mas Volcker admitiu que os déficits orçamentários e comerciais americanos desempenharam uma importante função transitória, ao estimular a recuperação nos Estados Unidos e no Exterior. O déficit orçamentário ajudou a sustentar e a aumentar o poder de compra interno enquanto o tratamento tributário mais favorável ajudou a encorajar os investimentos, afirmou.

(A.M.P.N.)